

V CBE0 - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

“NINGUÉM ESCOLHE SOFRER”: REFLEXÕES SOBRE ASSÉDIO, HOMOFOBIA, VIOLÊNCIA E PRECONCEITO NA HISTÓRIA DE VIDA DE RENATO

Lorenço Rodrigues (UFRGS) - lorenco.rodrigues@ufrgs.br

Graduado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é servidor público do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Integra o Núcleo de Estudos Políticos e Administrativos (NEPA) - UFRGS. Membro do Projeto

Fernanda Tarabal Lopes (UFRGS) - fernanda.tarabal@ufrgs.br

Professora Adjunta na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente no Programa de Pós-Graduação em Administração do CEFET-MG (stricto sensu). Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo abordar sobre questões relacionadas ao preconceito, assédio, e diferentes formas de violência e homofobia conexas às condições de vida e trabalho de homossexuais masculinos. Tal discussão insere-se em uma pesquisa mais ampla, que recorre ao resgate da história de vida de um trabalhador homossexual e à reflexão sobre a questão da homofobia. Nesse artigo, apresentamos, além de uma discussão teórica, a história de Renato: trabalhador homossexual que relata suas experiências de assédio, violência e preconceito.

O preconceito adoece, a discriminação e a violência aos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) matam no Brasil e no mundo (EFREM FILHO, 2016), todos os anos, milhares de jovens, que além de serem espancados e assassinados, se suicidam em razão da brutalidade do ambiente em que estão inseridos. O *bullying* (assédio físico e psicológico a crianças e adolescentes) é um dos maiores motivos destes acontecimentos, já no trabalho esta violência se manifesta na forma do assédio moral, causando doenças físicas e mentais aos trabalhadores (DEJOURS, 1992).

Entende-se que os impactos da heteronormatividade e da dominação masculina na sociedade brasileira são muito expressivos, no qual desde a infância a criança sofre duras imposições a sua identidade, desde brincadeiras direcionadas somente para um gênero, até a obrigação de se ter certos comportamentos ditos masculinos. Durante a adolescência, inúmeros conflitos são postos em evidência, dúvidas referentes à sexualidade, relação com os pais e familiares, e toda a questão durante o ciclo escolar, em que a criança e o adolescente, na maioria das vezes, sofrem com o *bullying*.

2. Preconceito, discriminação, homofobia e heteronormatividade

Em relação à homossexualidade:

Já foi considerada um pecado no campo da teologia; um crime no âmbito jurídico; uma doença e um desvio psicológico para a medicina. Deste modo, a homossexualidade foi rechaçada e condenada de diferentes formas até alcançar o seu atual status de “orientação sexual” equiparada à heterossexualidade. Tal mudança de paradigma permitiu aos homossexuais ingressarem no debate político em busca de seus direitos como sujeitos legítimos. (FREIRE; CARDINALI, 2012, p. 39).

Diversos autores compactuam do mesmo pensamento quanto à temática da discriminação, homofobia e preconceito, que são pouco abordadas em estudos acadêmicos, devendo ser mais bem tratado para se desenvolver programas e políticas públicas que visem o fim deste problema social gravíssimo. Este assunto deve ganhar maior repercussão e incentivo na literatura, pois boa parte das mudanças sociais ocorre após incansáveis trabalhos que esclareçam a importância de se discutir o tema, bem como medidas de combate e prevenção à discriminação, preconceito, estigmatização e violência do homossexual na sociedade atual, para que haja respeito e cidadania para todos os indivíduos.

O preconceito e a discriminação aos homossexuais estão entre os crimes mais graves e ignorados no cenário social brasileiro, “a homofobia se une ao machismo, à baixa escolaridade e à impunidade, para se reproduzir nas mais diversas esferas sociais, provocando, ainda mais, a estigmatização do indivíduo gay.” (SIQUEIRA *et al.*, 2008,

p. 01). Segundo estes autores, a situação não é diferente no trabalho, o homossexual sofre com a discriminação e o preconceito, de maneira velada ou explícita.

No que se refere à histórica segregação e discriminação, cabe ressaltar que "a homossexualidade perdurou no contexto da perversão sexual durante décadas." (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 167), contribuindo com esta repulsa aos homossexuais. Homofobia pode ser compreendida como uma "hostilidade perante homossexuais tanto homens como mulheres, sendo uma forma arbitrária de conferir ao outro um status de contrário, inferior ou anormal, podendo se dar nas relações sociais cotidianas de formas sutis e até brutais." (CAPRONI NETO; FONSECA, 2014, p. 03).

A homofobia também pode ser entendida como a expressão de sentimentos emocionais de raiva, medo, ansiedade, aversão e desconforto que heterossexuais podem experimentar e representar quando estão com homossexuais. Este preconceito foi incentivado culturalmente por gerações, por exemplo, quando se trata da forma de como se referir aos homossexuais, "o uso de nomenclaturas diferenciadas variava de acordo com as épocas, culturas e discursos vigentes: sodomitas, invertidos, doentes mentais ou perversos, dentre outros." (BASTOS, PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 167). Na sociedade brasileira, a classificação do indivíduo homossexual como "o gay, são 'invenções' do século XIX. Surge uma nova categoria social, que viria a ser marcada, estigmatizada e reconhecida como desvio da norma". (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 167). Este "desvio de norma" é incentivado de geração em geração, se reproduzindo e fortalecendo o sofrimento dos homossexuais.

O preconceito com os homossexuais é primeiramente uma resposta a um medo, que é irracional e disfuncional para os indivíduos que manifestam o preconceito, pois os homossexuais são primeiramente vistos por eles como uma aberração individual e as pessoas que manifestam tal preconceito não veem que, na realidade, esta visão é um reflexo dos valores culturais. (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 169).

A emergência social pela qual os homossexuais são rotulados e invisibilizados, no qual este "estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo 'menor' socialmente." (ANJOS, 2000, p. 276). Esta é a intenção da violência heteronormativa, diminuir o sujeito, o enfraquecendo, de forma que não ganhe espaços na sociedade civil e política, não lutando por reconhecimento e direitos dentro da esfera social e cidadã.

A padronização e a hierarquização dos indivíduos dizem respeito à heteronormatividade, a tentativa de evidenciar o que é certo e errado para os padrões conservadores da sociedade. No que se refere à heteronormatividade, Caproni Neto e Lima (2013) entendem como:

[...] um processo social que é continuamente produzido e reiterado de modo sutil, em prol do alinhamento entre sexo, gênero e identidade, também mostrando aqueles que são qualificados, por exemplo, para os sistemas de saúde, jurídico, midiático. Ela se associa à produção e à regulação de subjetividades e relações sociais, evidenciando a construção, legitimação e hierarquização de corpos, identidades, expressões, comportamentos, estilos de vida e relações de poder. (CAPRONI NETO; FONSECA, 2014, p. 03).

A legitimação criada por setores conservadores e preconceituosos da sociedade introduziram no pensamento coletivo as ideias de que o não heterossexual é algo abominável, contra os ensinamentos bíblicos, sendo tratado como doença, devendo ser combatido para que não se torne má influência para toda a sociedade, dessa forma, o

ciclo de preconceito se fundamentou nos pensamentos de um núcleo dominar da sociedade. Bastos, Pinheiro e Lima (2013), aduzem sobre a heteronormatividade que:

[...] foi instituída e legitimada como preceito regulador das relações sociais por meio da difusão de ideias pejorativas de atribuição social acerca das práticas não heterossexuais, que associavam estas às noções de doença e perversão em decorrência do imaginário coletivo. Em decorrência do estabelecimento de tal distinção sexual, os sujeitos assumidamente homossexuais passaram a ser enquadrados em esferas inferiores da hierarquia social e a ser alvos de discriminações e inferiorizações, realidade de opressão invisibilizada como natural às relações de subordinação (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 167).

Faz-se necessário evidenciar que o preconceito aos não heterossexuais também está presente em igual medida na desvalorização da mulher, também vítima da dominação masculina e conservadora, que deseja a superioridade heterossexual masculina em relação aos demais, dominando homossexuais e mulheres para explorá-los e reprimi-los. No que se refere às políticas públicas e organizacionais, homossexuais e mulheres são esquecidos, ficando à margem das ações do Estado e de organizações privadas, por possuir menor força política nestes setores, o que retarda ainda mais as práticas de incentivo e inclusão de mulheres e homossexuais nos empreendimentos políticos e organizacionais da sociedade. Bastos, Pinheiro e Lima (2013) salientam ainda que a heteronormatividade:

[...] refere-se à crença na superioridade da orientação heterossexual e na conseqüente exclusão, proposital ou não, de indivíduos não heterossexuais, de políticas públicas e organizacionais, eventos ou atividades. Existe um rechaço das mulheres e dos homossexuais, já que os mesmos são citados como simbolicamente semelhantes às mulheres. A heterossexualidade é mantida através de uma dupla negação, igualmente sexualizada: mulheres e homossexuais, sendo que ambos devem ser “dominados”. (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 167-168).

Nos últimos anos, foram garantidos aos homossexuais direitos básicos, porém negados pela posição conservadora da sociedade, como a legalização do casamento, adoção, direito à herança, entre outros. A luta travada com áreas fortes da sociedade, como a igreja, mostra a força e união dos ativistas para alcançar direitos e garantias básicas, entretanto negados pela dominação masculina e conservadora. No fragmento abaixo, pode-se entender como a heteronormatividade impacta nas relações cotidianas dos indivíduos homossexuais:

[...] a luta dos homossexuais para ter seus direitos garantidos frente à Constituição, é depreciada por determinados grupos sociais. Tais grupos criticam a criação de leis específicas com o objetivo de garantir direitos como, legalizar o casamento, constituir família, ter filhos, dividir o plano de saúde, entre outros direitos, privilégio apenas dos casais heterossexuais. (COSTA; MACHADO; WAGNER, 2015, p. 779).

Em relação às conseqüências no trabalho, “entre os diversos fatores que fazem com que mantenham oculta a identidade sexual, estão o medo do isolamento, a perda de chances de promoção, a exclusão de redes de trabalho profissionais, a intimidação e a violência.” (SIQUEIRA; ZAULI-FELLOWS, 2006, p. 76). O mesmo é evidenciado por outros autores, que concordam que a orientação sexual pode ser decisiva no momento do crescimento na instituição que o sujeito trabalha, pois “as práticas homofóbicas e

heterocênticas impedem que os homoafetivos vivam plenamente suas vidas afetivo-sexuais, bem como criam barreiras para que os mesmos se insiram e ascendam no mundo organizacional.” (BASTOS; PINHEIRO; LIMA, 2013, p. 170). No trecho a seguir o mesmo é apresentado, “o indivíduo homossexual enfrenta, muitas vezes, situações aversivas no próprio ambiente de trabalho para permanecer no emprego e ter chances de ascensão profissional.” (COSTA; MACHADO; WAGNER, 2015, p. 780).

O homossexual vivencia nas empresas várias experiências, tais como: a discriminação no processo de seleção de pessoal se a empresa notar que ele seja homossexual, ou ele declarar explicitamente sua orientação; a perda de emprego em virtude da orientação sexual; a perda de uma possível promoção, também em virtude da orientação sexual; o discutível fato de o homossexual ganhar menos do que o heterossexual; avaliações de desempenho baseadas intensamente em um único traço do indivíduo, a identidade homossexual. (SIQUEIRA; ZAULI-FELLOWS, 2006, p. 76).

Por sua vez, “o assédio moral e a discriminação no ambiente de trabalho, por meio de ofensas verbais, é um acontecimento que o homossexual nem sempre reconhece e, quando consegue identificar, precisa subjugar-se à situação para se manter no emprego.” (COSTA; MACHADO; WAGNER, 2015, p. 780).

3. Metodologia

Para que os objetivos deste trabalho sejam alcançados, é necessário um alicerce metodológico. De acordo com Gil, o método é definido como o “caminho para se chegar a determinado fim. Já o método científico é o conjunto de procedimentos tanto intelectuais quanto técnicos adotados para atingir o conhecimento” (GIL, 2002, p. 27).

Realizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória, que teve como condição empírica fundamental o recolhimento da história de vida de um sujeito trabalhador homossexual masculino. Segundo Vieira e Zouain “a pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se em princípio pela não utilização de instrumental estatístico na análise de dados” (VIEIRA; ZOUAIN, 2006, p.17). Utilizou-se a história de vida para examinar e compreender o contexto da temática desta pesquisa.

Com esse trabalhador homossexual masculino foram realizados três encontros em profundidade, não estruturadas, no qual este sujeito era convidado a relatar a sua vida, tendo como base, a temática da pesquisa do estudo. Assim, valeu-se do método de pesquisa em história de vida (BARROS; LOPES, 2014) – bem como de profissionais de diferentes áreas (saúde, administração, educação e justiça), a fim de compreender os impactos da heteronormatividade e do assédio moral em trabalhadores homossexuais masculinos.

A história de vida apresenta um grande potencial para a investigação social, uma vez que permite compreender a dimensão subjetiva dos atores sociais, possibilitando que a história de um indivíduo reflita um momento histórico revelando os valores da sociedade que podem interferir na realidade organizacional. Assim, seu estudo busca compreender o poder que o indivíduo tem de mudar sua vida e a si mesmo e alterar o seu ambiente, funcionando como base para construção de teorias sobre o papel do comportamento do indivíduo na mudança cultural e na transmissão da cultura. A história de vida apreende a dinâmica, as características e os parâmetros da cultura individual. Através dela é possível perceber como o sistema sócio cultural afeta o comportamento individual, valores e auto-imagem e por outro lado, como o indivíduo interfere no ambiente, atuando como uma fonte de mudança. (MAGESTE; LOPES, 2007, p.03).

O método de história de vida ajuda a conhecer e entender as práticas sociais e como o sujeito está presente no grupo que está inserido, como age e se relaciona em determinadas situações.

O método de história de vida objetiva apreender noções gerais contidas nas entrevistas das pessoas, não tendo, entretanto como finalidade principal, a análise das suas particularidades históricas ou psicodinâmicas (GLAT, 1989). Nesse sentido, histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das maneiras com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte (BERTAUX, 1980). Segundo Glat (1989) o método de história de vida “tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de ‘dono do saber’ e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida” (GLAT, 1989). (MAGESTE; LOPES, 2007, p.03-04).

O recolhimento de história de vida possibilitou conhecer as diferentes perspectivas do entrevistado, como vivenciou o preconceito e a discriminação ao longo de sua vida.

Além disso, a história de vida possibilita o estudo profundo sobre a vida dos sujeitos sociais, assim como penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência. [...] Camargo (1984) reforça que as histórias de vida são a melhor maneira de compreender a cultura vista por dentro como um “conjunto vivo, regido pela harmonia interna, não como um conjunto arbitrário de costumes e instituições, cuja realidade é apenas percebida.” (LÉVISTRAUS, 1943). Assim, segundo a autora, nas histórias de vida, o que se perde em confiabilidade estatística é ganho na interação entre os dados empíricos e proposições teóricas. (MAGESTE; LOPES, 2007, p. 04).

No que tange o método de História de Vida, cabe ressaltar a questão da identidade e autoconhecimento, fundamentais para o desenvolvimento e construção do sujeito sócio-histórico, há uma relação entre a identidade, os elementos familiares e a classe social que o indivíduo pertence, conforme Gaulejac:

O indivíduo é produzido pela história: sua identidade é construída, de um lado, a partir dos acontecimentos pessoais por ele vividos e que formam a trama de sua biografia, de sua história singular e única e, de outro, a partir dos elementos comuns à sua família, ao seu meio, à sua classe de pertencimento que o posicionamento como um ser sócio-histórico. (GAULEJAC, 2016, p. 24).

4. A história de Renato

Eu gostei das nossas conversas, eu queria te agradecer pela possibilidade de participar do trabalho, até pelo trabalho eu achei muito legal, muito curioso e foi interessante em tão pouco tempo ter refletido sobre tanta coisa da minha vida, do meu ambiente de trabalho, e visto que tem tanta gente que trabalha no automático o tempo todo que é bom parar e pensar nas coisas assim, como acontece, porque aconteceu, quando aconteceu, não é sempre que a gente se permite fazer isso, e ter isso ajuda a colocar isso para fora, rever, lembrar, foi bem salutar inclusive. (Renato)

Nesta seção, será apresentada a história de vida de Renato, sujeito real que aceitou compartilhar conosco a sua história.

Conheci Renato no início de setembro de 2017, realizamos três encontros com um pouco mais de uma hora cada, nos reunimos até o final do mesmo mês. Renato sempre demonstrou muito interesse em colaborar com o trabalho, compartilhando as suas experiências e acontecimentos que marcaram a sua história de vida. Aguerrido em relatar a sua história, Renato é o símbolo de uma minoria que clama por respeito e igualdade política, econômica e social no Brasil.

Renato é o nome fictício escolhido pelo participante que aceitou relatar a sua história em prol do conhecimento. Renato é servidor público de um instituto de previdência do Estado do Rio Grande do Sul, goiano de 27 anos, homossexual, reside no município de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul desde 2014, quando assumiu o cargo de advogado em sua organização. Renato é formado no curso de Direito pela UFG (Universidade Federal de Goiás).

Renato concedeu entrevistas para o desenvolvimento deste trabalho, através de sua história de vida e relações de trabalho, o servidor colaborou para o entendimento dos impactos da dominação masculina e da heteronormatividade nas relações de vida e trabalho de homossexuais masculinos. Abaixo serão apresentados alguns fatos marcantes da história de Renato, divididos em três formas: história familiar, história de trabalho e contexto geográfico.

4.1 História familiar: a busca pelo respeito

Renato é filho único de pais separados, criado somente pela mãe desde o seus 2 anos de idade, quando seu pai foi morar no Estado do Pará, em razão da separação. Seus pais concluíram o ensino médio, o pai era mecânico e a mãe depiladora. Como as condições de vida eram precárias, a mãe de Renato de desdobrava para garantir uma boa educação ao filho. Apesar de todos os percalços da vida em Goiânia, sua mãe fazia questão que ele estudasse em uma escola particular da capital de Goiás. Renato frisou que sua mãe dava muita importância para os estudos, sabia que a única maneira do filho ter uma vida melhor seria através dos estudos, por isso, trabalhava muito para conseguir sustentar a casa e todos os gastos que surgiam. Conforme Renato, sua mãe trabalhava tanto com depilação, que foi diagnosticada com bursite, em consequência da alta carga de trabalho. O pai de Renato também passava por dificuldades financeiras, por isso, ficava sob responsabilidade da mãe custear os estudos do filho.

Renato sempre valorizou o esforço de sua mãe, e se dedicava ao máximo aos estudos, segundo ele, era a forma de sair daquela situação sofrida, sem perspectivas de crescimento. A sua família é muito grande, porém, somente um tio conseguiu terminar a graduação, isto serviu de inspiração para que Renato acreditasse ser possível entrar na faculdade, por isso, a sua dedicação e esforços eram tão grandes.

Renato conta que sua família era muito próxima, e sua mãe muito acolhedora. Como as condições de vida, financeiramente, eram sofridas, no terreno em que Renato e sua mãe moravam ainda viviam o seu tio e a família. Renato relata que as características de sua família eram peculiares, no qual todos possuíam a cultura de se expressar e falar o que bem entender sobre qualquer assunto, independente do que os demais fossem pensar. Esta característica familiar esteve muito presente na sua formação, dessa forma, quando questiono a Renato se havia sofrido *bullying* na escola, ele responde que em função de estar acostumado a se posicionar, na maioria das vezes, era ele quem praticava o *bullying*. Casos mais sérios, tais como agressão, Renato não sofreu.

[...] quando você está naquela posição de fazer o *bullying*, você fica menos suscetível a sofrê-lo. E eu ainda era um “nerdzinho”. Não era também aquele *nerd* chato do tipo que não ajuda, não faz nada. Não, eu era na minha, eu

ajudava os colegas e tudo, mas não era que alguém ia falar qualquer coisa e eu ia ficar calado. *Bullying* mais sério do tipo apanhar ou sofrer ameaça desse tipo, não. (Renato)

Renato explica que além de ser considerado “nerd”, ele ainda possuía “trejeitos”, entretanto, quando criança ele era muito magro e estrábico, o que gerava muitas piadas, como exposto no trecho abaixo. Perguntei a ele se em razão de seus “trejeitos” ele ouvia piadas dos colegas, Renato afirmou que havia poucas piadas, pois ele possuía muitas características – estrabismo, por exemplo – suscetíveis a piadas, não sofrendo tanto em consequência de sua homossexualidade, o que segundo ele seria um privilégio, pois os demais colegas homossexuais com quem ele havia comentado sobre estas situações, todos tinham alguma história de preconceito entre os colegas na escola.

Eu era meio nerdzinho, magro, esquelético, isso já gerava uma ou outra piadinha, e vesgo até não ter mais jeito, eu fiz uma cirurgia aos 20 anos. Então disso eu sofria *bullying*, só que isso era ótimo porque eu disfarçava as coisas que eram muito mais constrangedoras talvez, psicologicamente falando e ia pela questão do peso, qualquer coisa. A pessoa queria criticar “Renato, você tá olhando para mim?”, “Renato é comigo que você tá falando?”, alguma coisa assim, então não pegou o *bullying* pela questão da homossexualidade, não pegou. Fui descobrindo depois que rolavam essas conversinhas, mas quando eu cheguei a descobrir também era o caso de eu estava indo para as boates, estava indo para as festas. [...] Então não tinha muito o que pegar, não ia pegar o *bullying*. Eu me senti relativamente privilegiado, porque quase todos os outros colegas que eu conversei tiveram uma experiência na escola bem diferente, bem diferente da que eu tive. (Renato).

Renato sempre teve uma relação muito próxima de sua mãe, esta aproximação aumentava, pois eram somente os dois a compartilhar todos os momentos, sempre houve uma amizade muito grande entre ambos. Renato narra que existia a necessidade que sua mãe soubesse de tudo que ocorria em sua vida, estes laços de confiança e lealdade fortaleciam a relação de mãe e filho. Foi durante a pré-adolescência que Renato foi se percebendo homossexual, todavia, o jovem não tinha coragem de falar em detalhes o que se passava em sua vida. Um exemplo disto, quando Renato se relacionava com um menino, para a sua mãe ele dizia ter beijado uma menina. Por medo e receio da reação de sua mãe, bem como por ainda não ter certeza de tudo que se passava em seu corpo e seus sentimentos, e por não entender, com absoluta certeza, qual era a sua orientação sexual.

O vínculo de Renato com sua mãe sempre esteve baseado na confiança, contudo ao descobrir, por acaso (encontrando cartas feitas por outros meninos), que o filho era homossexual, a mãe de Renato ficou desolada, por não saber de algo tão importante e relevante na vida de seu filho. Após o episódio, durante duas semanas mãe e filho pouco se falaram, as conversas se resumiam em brigas e choro de ambos. Conforme Renato descreve, após estas duas semanas, a relação de mãe e filho retornou a ser harmoniosa, sendo raras as discussões em função da sexualidade de Renato. Desde então, a mãe de Renato passou a tratar a questão com respeito e normalidade, fortalecendo a ligação de mãe e filho.

A relação de Renato com o pai foi efêmera, em função da distância, o contato com o pai ficava muito limitado a ligações e visitas esporádicas. Renato sempre sentiu a falta que a presença do pai fez em sua vida, contudo, a presença de um de seus tios supriu a ausência paterna. Renato afirmou que hoje seu pai sabe de sua orientação sexual, mas quando tinha 15 anos de idade, época que resolveu se abrir ao pai, havia um

grande receio em falar a sua verdadeira identidade, em todas as oportunidades que teve para divulgar, Renato não tinha coragem para falar. Perguntei como se deu a reação do pai ao saber que seu filho era homossexual.

Não tem coragem de ligar e falar, eu já tinha tentado várias vezes. Ele tinha vindo a Goiânia uma vez e eu não tive coragem de falar. Escrevi uma carta. Escrevi uma carta e mandei, ele ficou uns 2, 3 meses sem conversar comigo, não me ligava nem nada e aí ele conversou acho que com a minha mãe algum dia e depois veio conversar comigo. A gente conversou por alto, ele meio que querendo entender porque, “tá, mas por quê? Como assim?”. Não sei, não tem um porque, é assim. “Mas qual é a graça que você vê nisso?”, “olha, não tem como eu te explicar,mas tem”. Ele queria umas respostas que eu não conseguia dar. (Renato)

Somente 12 anos após Renato expor a sua verdadeira orientação sexual ao pai, que ambos voltaram a se entender sobre esta questão. No início o pai se afastou do filho, diminuindo o contato, quando se falavam, jamais tocavam no assunto, e assim esta situação perdurou por mais de uma década. Chamou a atenção de Renato o fato de seus pais reagirem de formas distintas ao descobrirem a orientação sexual do filho, para ele, o pai aceitaria de uma forma mais fácil a sua condição, verificando tal sensação com a mãe.

A ausência da figura paterna deixava Renato abalado, pois em muitas situações ele percebia que se o pai estivesse acompanhado de perto a sua formação e desenvolvimento, ele não se sentiria desamparado e prejudicado por não ter compartilhado momentos com o pai, como no dia que precisou aprender sozinho como se trocava o pneu do carro, sendo o pai um mecânico de automóveis. Mesmo com a presença da mãe e de figuras masculinas como a dos tios, Renato lamenta que o pai não tenha convivido e vivenciado experiências com ele, estas que são consideradas corriqueiras para muitas pessoas.

Um acontecimento que marcou a vida de Renato quando a sua família soube de sua homossexualidade foi quando uma tia lhe pediu desculpas por em certa ocasião, no passado, ter comentado que “esse tipo de gente na casa dela nem entrava”, o que na época causou constrangimento em Renato. O pedido de perdão da tia causou espanto em Renato, pois não esperava que a tia tivesse tamanha reação e sensibilidade, além de ter se recordado do fato que comentou em relação aos homossexuais.

E eu lembro que na semana em que a minha mãe descobriu, eu não sabia no dia que a minha mãe iria descobrir ainda, passou uma reportagem de uma parada gay que tinha tido em São Paulo ou no Rio de Janeiro que tinha reunido não sei quantas mil pessoas e a minha tia viu a reportagem e meio que falou que esse tipo de gente na casa dela nem entrava e na hora que ela falou isso meu coração até gelou, porque você fica naquela situação, porque ela é uma pessoa muito humilde, muito simples, mega religiosa, semi-analfabeta, e com esses posicionamentos bem radicais, quando ela ficou sabendo, diferente de todo mundo, porque teve gente que se manifestou, ela ficou na dela, não falou nada, mas ela lembrou que tinha falado isso e entrou na minha casa chorando, se derramando em lágrimas, me abraçou muito e me pediu desculpas, que ela nunca mais falaria aquilo que eu era o sobrinho dela de coração e que ela não se importava com isso, que ela me amaria de qualquer jeito, ela chorou muito, me pediu desculpas mil vezes, pediu perdão. (Renato)

Outro fato que causou surpresa positiva, em relação ao conhecimento da família de Renato de sua sexualidade, foi o comportamento de seus tios, especificamente, a

reação do tio que considera “o pai que eu não tive”, este o acolheu, indicando apoio e respeito, demonstrando que nada havia mudado e que Renato permaneceria sendo valorizado como sempre. O respeito e consideração da família se tornaram essenciais para a formação e aceitação de Renato.

No que se refere à infância e juventude, Renato comentou que participava ativamente de ações da Igreja Católica, incentivado pela avó, ele tinha grande interesse em se tornar sacerdote, o que, segundo ele, seria uma fuga de sua realidade como homossexual, sendo padre, ele estaria de certa forma, “protegido” dos preconceitos da sociedade, além disso, viveria em uma condição ilibada para o restante da comunidade. Renato explica que somente anos depois, com o auxílio da psicoterapia, conseguiu entender o que se passava em suas atitudes na infância e adolescência.

Eu tinha certeza que eu queria ser padre. Eu briguei com a minha mãe porque eu queria ir para o seminário e tal, e depois na terapia também eu fui fazendo essas conversas, de ver o tanto que era. Tinha alguma coisa de sincera, do apelo espiritual, mas eu acho que também era aquela noção de fuga. Vou estar em um ambiente que ninguém me cobra ser casado, eu não tenho que ter uma postura masculinizada e estou em uma posição de respeito, quase inquestionável. (Renato)

De acordo com Renato, ao entrar na faculdade ele decidiu que naquele espaço ele assumiria a sua identidade homossexual, não encararia este fato como medo ou receio, o que se tornou um ambiente com outra realidade a que estava acostumado, questionei se havia piadas sobre a sua orientação sexual, para ele a atitude que tomou desde o início do curso ajudou a demonstrar para os demais colegas que o seu modo de agir e conviver, bem como a sua orientação sexual independiam de quaisquer ações de intimidação, preconceito e discriminação, incentivando o fim do estereótipo criado pela sociedade machista.

“Ah mas fulano fez isso”, “é porque é um veado”. É, é porque é veado. E deu assim, não tem mais graça, não tem porque continuar brincando, porque continuar falando, é e pronto. [...] Como eu não dava chique e quando eu dava também, tipo “ah ele está dando chique porque é viado”. Era e daí? Meio que perdia a graça, então não tinha tanto comentário pelo menos que eu saiba, que eu tenha ouvido. (Renato)

Durante a faculdade de Direito Renato permaneceu se posicionando, segundo ele não havia motivo para baixar a cabeça para piadas preconceituosas e atitudes discriminatórias. Não permitia que ações perversas de cunho homofóbico se perpetuassem. Renato participou de grupos LGBT’s ao longo da graduação, “tinha um grupo que se reunia, que conversava, e eu vou ser bem sincero, eu gostei, tiveram algumas atividades interessantes.”

4.2 História de trabalho: preconceito e reconhecimento

O primeiro cargo público de Renato foi na Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), como funcionário concursado, no qual acumulou experiências e fatos marcantes ao longo do tempo e de suas relações de trabalho. Renato revelou que desde o seu primeiro emprego cria estratégias para evitar o sofrimento com o preconceito e a discriminação no local de trabalho. Estas estratégias foram tomadas ao sair do ensino médio e iniciar um novo ciclo na universidade e no trabalho. Renato

havia decidido que na faculdade ele manteria a sua verdadeira identidade sexual, o mesmo não iria ocorrer no ambiente organizacional.

Uma coisa que eu achei interessante também, quando eu saí da escola eu já tinha meio que decidido para mim que eu iria voltar para a faculdade e eu iria assumir as minhas posturas. Eu não ia chegar fazendo escândalo, numa parada, em um tapete arco-íris e tudo para entrar na faculdade, mas eu também não ia fazer questão de esconder. Eu ia tentar manter as coisas o mais claro possível. Já no ambiente do trabalho, não. (Renato)

Renato comentou que o seu posicionamento na universidade em Goiânia não implicou em nenhum sofrimento, pelo contrário, se sentia mais à vontade nas relações com os colegas. Perguntei como era no trabalho na INFRAERO, pois nas atividades laborais Renato resolveu assumir uma atitude oposto a tomada na universidade.

Renato mencionou que a situação a que se sujeitou não era agradável, pois causava desgastes ao seu emocional. Além disso, ele se questionava em relação aos colegas que não se assumiam na organização, o que gerava desconforto e incertezas em relação ao futuro, pois o empregado e seus dependentes não usufruíam plenamente dos benefícios garantidos por lei. O fato de viver escondido era angustiante.

Questionei Renato de como era a sua relação com os colegas da INFRAERO, para ele existia uma necessidade de ser aprovado pelo grande grupo (também valendo para todas as relações sociais), o que incluía se envolver em brincadeiras em que não se sentia bem em participar, para ele aquelas situações não eram verdadeiras, e as amizades que possui até hoje são com aqueles o qual era sincero sobre sua identidade.

De aprovação, isso. Isso vai para a escola, isso vai para a família, isso vai para o trabalho, isso vai para tudo. Você acaba criando aquela carência de me note, me respeite, me aceite, me ame pelo que sou. Ou pelo que eu não sou. Não interessa, me amem. Vira um apelo talvez em todas as áreas, dos mais variados aspectos. De vez em quando até fazia umas brincadeiras legais que me deixavam bem brother dos caras, mas não durava. E não era sincero, tanto que até hoje os que eu tenho amizade era com quem eu era sincero, era eu mesmo. (Renato)

Em relação ao seu atual local de trabalho, Renato relatou algumas situações preconceituosas em que presenciou, causando constrangimento, como o fato de não se posicionar em uma situação preconceituosa que ouviu de um segurança da instituição. Para ele o fato de determinar o quanto são desrespeitosas e preconceituosas é fundamental para que estas práticas sejam combatidas, colaborando com o ciclo da discriminação e do preconceito.

Outra coisa que aconteceu há algum tempo também [...] de sair e um cara falar alguma coisa, “ah fulana é rosca”. Tipo “o que você acha desse cortezinhos?”, um corte de cabelo, alguma coisa, “ah porque isso não é coisa de homem, não”. [...] Eu até fiquei com vergonha de mim depois por não ter me posicionado na hora e ter dado uma cortada assim, ter ficado só “há há” e indo embora. [...] Hoje eu quero muito me posicionar, tento muito me posicionar, mas tento fazer isso com um pouco de parcimônia para não gerar problemas para mim. (Renato)

Para Renato, é comum ter que passar por cima de certas situações que o incomodam, pois existe a necessidade de conquistar espaço em seu ambiente de trabalho, ganhando promoções, recebendo funções gratificadas, por exemplo. E para

isto, é preciso passar por momentos que não o deixam à vontade, para não se indispor com a chefia e os demais.

Renato contou que após 2 ou 3 meses de trabalho no instituto de previdência em que está lotado, não fazia questão de esconder a sua situação, pelo contrário, tratava com total naturalidade. Ele relata o caso em que seu namorado desenvolveu um programa a ser utilizado pelos servidores da organização, no qual o momento de apresentar o software para a sua chefia, Renato esclareceu que a pessoa que criou o programa era o seu namorado. Após entender nestes primeiros meses de trabalho como se davam as relações entre os colegas e mostrar as suas competências, Renato decidiu que era a hora certa de sinalizar aos colegas a sua orientação sexual, sua identidade sexual, sem precisar se esconder, ser ele mesmo sem medos e receios.

Questionei Renato sobre mais algum episódio de preconceito e discriminação que presenciou, ele me relatou que em uma reunião um colega havia comparado homens homossexuais a mulheres de maneira pejorativa, o que causou constrangimento, entretanto, desta vez Renato decidiu que não deveria silenciar para esta situação, deixando o colega sem graça pelo o que falou. Para Renato esta situação foi muito desagradável, tanto para ele, quanto para os demais colegas que presenciaram.

Porque eles estavam querendo tratar o cara que era gay como mulher. E querendo ou não quando a gente faz umas brincadeiras, você acaba reforçando às vezes o preconceito. Tipo pronome feminino e tal. Porque uma coisa é você com seus amigos, brincando, outra é o ambiente, essas pessoas não sabem até onde elas podem/devem ir, mas eu notei que estava, a sensação é de que foi intencionalmente pejorativo e por fazer isso eu acabei entrando na brincadeira também e ficou sem graça. (Renato)

Renato passou por dois setores em sua atual organização, no primeiro ficou em torno de 3 meses, já no segundo setor está há 3 anos. De acordo com ele, é um ambiente muito saudável, no qual ele se sente livre para ser ele mesmo, sem receio de ser quem ele não é. Descrevendo o seu setor, Renato disse que ele era o único homem, o que lhe dava mais segurança, o fato de conviver diariamente com mulheres o permitia trabalhar de forma mais tranquila e positiva, e as relações se mostram mais saudáveis e harmônicas, gerando conforto entre todos de sua área de trabalho. Renato aduz que “saber que eu estou com uma equipe, com um pessoal que não discrimina, que gosta de mim, que me respeita, que tem uma interação legal, já torna o fardo mil vezes mais fácil e mais leve de carregar.” (Renato).

Renato valoriza o ambiente em que está lotado, pois há qualidade de vida e as relações interpessoais são compartilhadas entre todos, existindo respeito e boa convivência entre os colegas de setor. O desenvolvimento de ações que fomentem as relações e, conseqüentemente, fortaleçam a convivência entre os demais se faz fundamental.

5. Reflexões sobre a história de vida de Renato

As narrativas de Renato são exemplos pelos quais muitos homossexuais vivem diariamente relações familiares, sociais, de trabalho, nas quais há preconceito, discriminação e violência. Renato representa uma multidão de pessoas que a todo o momento sofrem com as brutalidades de uma sociedade machista, homofóbica, heteronormativa e com todas as questões da dominação masculina envolvidas. Na sociedade brasileira, há constantes casos de violência em razão da orientação sexual do sujeito, estes traços de brutalidade são marcas do meio em que o indivíduo está inserido

e o modo em que convive socialmente, todavia, os seus relacionamentos e coexistência são importantes para a sua constituição social e de identidade.

Sociedades predominantemente machistas, patriarcais, conservadoras, ou até mesmo que possuam grande parte de sua população religiosa, não deixam espaço para que a homossexualidade seja aceita e vista como uma situação normal vivida pelas pessoas. Ao contrário, retiram seus direitos de conviver socialmente, de modo que, não raro, essas pessoas acabam por “viverem uma vida de duas faces, em que a relação da orientação sexual minoritária torna-se o motivo de estigma, preconceito e violência, enquanto que a manutenção do segredo torna-se fonte de angústia, medo e recolhimento” (FERREIRA, 2007, P. 12). (MARTINS; VACLAVIK; ANTUNES, 2017, p. 2).

O Brasil é um país homofóbico, todos os anos vários homossexuais são assassinados, torturados, agredidos e violentados pelo país (EFREM FILHO, 2016). Há um cenário preocupante, no qual a vida não é respeitada, mata-se somente pelo fato da existência do diferente, do sujeito estar fora do padrão de normalidade estabelecido.

A homofobia e a violência pela qual os homossexuais convivem a todo instante, é marca da constituição social do Brasil e da maioria dos países do mundo. A discriminação e o preconceito estão em praticamente todos os espaços da sociedade, criando um ambiente de medo e insegurança, no qual o respeito ao outro é ignorado.

Analisando a história de vida familiar de Renato, observam-se pontos fundamentais que refletem na vida adulta do indivíduo. A relação com a mãe é muito forte, desde a infância Renato presenciou o quanto a sua mãe trabalhou para que o filho tivesse melhores condições de vida no futuro, garantindo uma educação de melhor qualidade, durante toda a sua vida acadêmica ele aproveitou as oportunidades. A mãe de Renato teve papel essencial na formação do filho, os momentos de dificuldades financeiras, medo do filho se envolver com a violência, proteção e incentivo aos estudos de Renato se tornaram elementos importantes para o desenvolvimento do filho. Esta aproximação de mãe e filho está presente quando Renato expõe para ela a sua orientação sexual, apesar de todo o sofrimento, a mãe acolhe o filho, tratando a situação com naturalidade e respeito.

Renato em diversas passagens menciona a falta que o pai fez durante a sua vida, momentos em que a presença paterna faria a diferença na sua história. O sentimento do filho pelo pai aumenta quando Renato esclarece que é homossexual, esperando uma reação de respeito e acolhimento, Renato se surpreende com a reação do pai de não aceitar e não querer mais tocar no assunto, levando 12 anos para que eles voltassem a falar sobre a orientação sexual do filho, tal situação é muito comum nas famílias de sujeitos homossexuais, a rejeição dos pais é frequente, causando traumas e sofrimento. Em relação aos demais membros da família, Renato encontrou respeito e admiração. A vida em Goiânia era difícil em razão das questões financeiras, Renato com o incentivo da mãe focava nos estudos para melhorar de vida e se proteger, pois desejava conquistar melhores condições financeiras, também pelo fato de ser homossexual e tentar “equilibrar” – através do sucesso profissional – para a família e a sociedade, a sua condição de homossexual. O medo de sofrer preconceito e as consequências da discriminação e homofobia fazia Renato criar instrumentos de proteção, para não se tornar vítima da violência. O medo de sofrer com violência acompanhava Renato constantemente.

Considerando uma perspectiva correlacional, os estudos têm apontado o sexo como forte preditor da homofobia; especificamente, sua expressão flagrante é maior por parte dos homens heterossexuais. [...] A manifestação da

homofobia por jovens é maior entre adolescentes do sexo masculino do que feminino, assim como foi observado que jovens homossexuais do sexo masculino sofrem mais com o preconceito. (GUSMÃO *et al.*, 2015, p. 368 – 369).

Na escola Renato conviveu com piadas de cunho homofóbico, porém, em função de outras características físicas, ele sofreu menos *bullying* que outros colegas, se sentindo privilegiado por não passar por situações constrangedoras. É evidente que todos os dias, crianças e adolescentes sofrem com a violência do preconceito e discriminação na forma do *bullying*, gerando gravíssimas consequências à saúde física e mental destes indivíduos.

Observou-se que as escolas estão despreparadas para lidar com estas situações, o que acaba reproduzindo a cultura do preconceito e da homofobia, no qual até mesmo professores se tornam praticantes deste assédio. Conforme estudo da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, os jovens homossexuais são 5 vezes mais propensos a cometer suicídio, em relação aos heterossexuais. O local de convívio social exerce muita influência nestes casos (REVISTA GALILEU, 2012).

Pensando nos padrões da sociedade heteronormativa na qual vivemos, a agressão física contra os adolescentes homossexuais surge objetivando a punição por um comportamento "desajustado", buscando a mudança desse comportamento, no caso, da identidade sexual do próprio adolescente. [...] A violência verbal, aquela que utiliza de palavras como meio de agressão, humilhação, exclusão, no caso do adolescente homossexual, também se baseia na relação de poder e domínio do agressor sobre a vítima, podendo levá-lo a não aceitação de sua própria orientação sexual e a quadros e comportamentos que indicam algum sofrimento psíquico. [...] Os adolescentes homossexuais encontram-se em situação de vulnerabilidade e são expostos a diferentes tipos de violência. A saúde dessa população é afetada pela homofobia, que provoca quadros e comportamentos que caracterizam sofrimento mental e interfere na adoção de comportamentos e hábitos de vida saudáveis. (NATARELLI *et al.*, 2014, p. 668 – 669).

Renato passou por várias situações desagradáveis e constrangedoras nos locais onde trabalhou, piadas e momentos de constrangimento fizeram parte de seu cotidiano. Por questões como essa muitas pessoas sentem-se coagidas a representar uma outra identidade, em função da preservação da imagem, do medo do preconceito e o receio de ser motivo de piadas.

Muitos funcionários que omitiam os seus relacionamentos para não sofrerem discriminação e ao mesmo tempo eram prejudicados, pois seus parceiros não podiam usufruir os benefícios garantidos por lei. Segundo Dejours, “o medo está presente em todas as atividades profissionais, inclusive nas tarefas repetitivas e nos trabalhos de escritório, onde parece ocupar um papel modesto”. (DEJOURS, 1992, p. 63). A questão da heteronormatividade está diretamente relacionada ao sofrimento pelo qual os homossexuais convivem diariamente.

Ainda se tratando dos conceitos que surgiram após o surgimento do termo homofobia, segundo Irigaray (2006), “heteronormatividade refere-se à crença na superioridade da orientação sexual e na conseqüente exclusão, proposital ou não, de indivíduos não-heterossexuais de políticas públicas e organizacionais, eventos ou atividades”. O autor completa que homofobia e heteronormatividade devem ser entendidos para que se possa discutir sobre diversidade no ambiente de trabalho, já que o preconceito e a intolerância contra a orientação sexual resultam no comprometimento da dignidade dos

indivíduos homossexuais, o que só traz malefícios às organizações. (MARTINS; VACLAVIK; ANTUNES, 2017, p. 4).

É interessante ressaltar que a heteronormatividade cria um movimento repressor, no qual o machismo é um elemento principal, o preconceito é atroz, e a maldade está por toda parte, incentivada por grupos políticos, religiosos, entre outros. Estes grupos incentivam a crueldade entre os demais, gerando violência e medo por onde passam.

Em inúmeros momentos Renato se sentiu obrigado a participar de rodas com os colegas, em que agia de maneira diversa a sua vontade, para agradar os colegas e fazer parte do grupo, com o desejo de ser respeitado e reconhecido. Entretanto, para ele, os momentos de maior satisfação e felicidade no trabalho eram aqueles em que falava e agia de forma natural, sem se conter e regular o que diria. O espaço de trabalho possui grande valor e importância para Renato, ambiente em que diversas realizações puderam acontecer. Para Maria Ester de Freitas, as organizações são lugares onde o prazer e o fracasso convivem lado a lado, sonhos e pesadelos fazem parte da realidade do trabalhador.

Atualmente, Renato se mostra feliz em seu local de trabalho, chama a atenção ao fato de trabalhar em um setor somente com mulheres, segundo ele, se sente mais a vontade para se expressar, existindo maior descontração e sensibilidade na equipe, a qualidade de vida está presente em seu local de trabalho. Pela fala de Renato, depreende-se que estas questões, especificamente, sobre a heteronormatividade e a violência de gênero possuem relação nesta situação, como se as mulheres fossem mais compreensíveis, havendo um recorte de gênero na aceitação, existindo construções mais solidárias.

Quando Renato narra o seguinte trecho: “que elas conseguissem ver o meu trabalho. ‘Ah pronto, vimos seu trabalho, é pessoa competente’. Aceitou isso. Aceitou? Tá, agora engole o resto.” É possível observar uma dificuldade de aceitação no local de trabalho, sendo necessário que os colegas vejam que “apesar” de ser homossexual, Renato também pode ser competente na realização de suas atividades. De acordo com Maria Ester de Freitas, “o trabalho é uma grande fonte de referência para a construção social dos homens e de sua autoestima, o que significa dizer que essa relação passa pelo afetivo e pelo psicológico.” (FREITAS, 2000, p. 42).

Renato fala sobre a preocupação em relação aos grupos religiosos e políticos reacionários. Nos últimos anos, uma corrente de grupos evangélicos ganha força, se aproveitando da ascensão da classe média, para aumentar o preconceito, a violência e a discriminação, para Jaqueline Gomes de Jesus, a dificuldade para o reconhecimento efetivo dos direitos de um segmento da população costuma se relacionar a preconceitos, mitos ou estereótipos culturalmente estabelecidos, mas cuja naturalização tem sido cada vez mais criticada na atualidade (JESUS, 2013, p. 363). Segundo Sung, “à primeira vista, a forma agressiva com que esses evangélicos lidam com a questão da família não tradicional pode ser entendida como certo descompasso no processo de modernização desse setor da sociedade.” (2015, p. 43). Ser livre para expressar a sua sexualidade possui grande importância na construção e afirmação da identidade do sujeito homossexual.

A discussão da livre expressão da sexualidade como um direito de cidadania é particularmente relevante no caso brasileiro, pois as marcas da desigualdade social reforçam aquelas da discriminação ligada à orientação sexual e às performances de gênero. (POCAHY, NARDI, 2007, p. 47).

6. Conclusão

Chegando ao final deste artigo, consideramos importante retomar os objetivos aqui propostos, entendo que através da literatura e das narrativas da história de vida de Renato, foi possível refletir sobre a questão do assédio moral em relação aos trabalhadores homossexuais masculinos, bem como compreender os impactos da heteronormatividade nas relações de vida e trabalho dos homossexuais, como os danos à saúde física e mental, e o medo de conviver com a violência e o preconceito. O recolhimento de história de vida do sujeito homossexual masculino foi essencial para a absorção dos temas debatidos, como a reflexão sobre a situação de discriminação e preconceito sofrido por homossexuais na sociedade brasileira.

Os relatos de Renato são exemplos de situações pelas quais os homossexuais convivem todos os dias, sofrimento, preconceito, discriminação, homofobia, violência, entre outros males. Apesar de tantos motivos viver “dentro do armário”, Renato cria movimentos próprios de resistência, tanto na vida pessoal, quanto no trabalho, lutando contra a heteronormatividade e a dominação masculina. Renato representa todos os homossexuais que desde a infância sofrem com as diferentes formas de violência de uma sociedade machista e conservadora, que causa grandes problemas a estes sujeitos.

Os danos à saúde mental e física estão entre os maiores impactos ao indivíduo homossexual. Confronto de identidade também está relacionado à pressão social criada pelo machismo. Estas consequências à saúde do sujeito são gravíssimas, podendo deixar resultados irreparáveis.

Muitos movimentos reacionários (políticos e de igrejas) difundem ideias que transformam os homossexuais em aberrações, pensamentos que são compartilhados todos os dias, contribuindo com a cultura do ódio desenfreado. Estes se valem da falta de conhecimento sobre o tema, negando que seja algo determinado pela natureza do indivíduo. Homossexualidade não é opção, e sim uma orientação, independe da vontade do indivíduo, pois ninguém escolhe sofrer. Por sua vez, a participação no V CBEO se faz oportuna para o desenvolvimento deste trabalho, através de contribuições em debates, novas experiências e perspectivas.

7. Referências Bibliográficas

- ANJOS, G.. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 2, n.4, p. 274-305, 2000.
- BARROS, V. ; LOPES, F. T. . Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Eloisio Moulin de Souza. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional : uma abordagem teórico-conceitual**. 1 ed.Vitória: EDUFES, v. 1, p. 41-63, 2014.
- BASTOS, E. M.; PINHEIRO, M. S.; LIMA, T. C. B. Orientação sexual e inclusão: um estudo de caso em organização varejista de fortaleza. In: Anais. **I CBEO**, Fortaleza, Ceará, 2013.
- CAPRONI NETO, H. L.; FONSECA, L. A.. Discutindo homofobia nas organizações e no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. 14, p. 01-10, 2014.
- COSTA, C. B. ; MACHADO, M. R. ; WAGNER, M. F.. Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. **Temas em Psicologia**, v. 23, p. 777-788, 2015.
- DEJOURS, C.. Trabalho e medo. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

EFREM FILHO, R.. **Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. Cadernos Pagu (UNICAMP)**, v. 46, p. 311-340, 2016.

FREIRE, L. M.; CARDINALI, D. C.. **O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), p. 37-63, 2012.

FREITAS, M. E. de. **Assédio Moral e Assédio Sexual: Faces do Poder Perverso nas Organizações**. RAE. Revista de Administração de Empresas, São Paulo/SP, v. 41, n.2, p. 08-19, 2001.

GAULEJAC, V. de. **A Neurose de Classe - Trajetória Social e Conflitos de Identidade**. História e Historicidade. 2016.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, p. 176, 2002.

GUSMÃO, E. E. S. ; NASCIMENTO, B. S. ; GOUVEIA, V. V. ; FERREIRA FILHO, L. G. ; COSTA, K. M. R. ; MOURA, H. M. ; MONTEIRO, R. P. . **VALORES HUMANOS E ATITUDES HOMOFÓBICAS FLAGRANTE E SUTIL. Psico-USF**, 2015.

JESUS, J. G.. **O conceito de heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência. Psico-USF**, v. 18, p. 363-372, 2013.

MAGESTE, G. S.; LOPES, F. T.. **O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais**. In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 2007, Recife. EnEPQ 2007, 2007.

MARTINS, B. L. O.; VACLAVIK, M.; ANTUNES; E. D.. **Diversidade Sexual nas Organizações e o Homossexual no Ambiente de Trabalho**. XX SemeAd. Nov. 2017, p.15, 2017

NASCIMENTO, S. A. C. M. **O assédio moral no ambiente de trabalho. Revista LTr**, 68-08/922-930, ago. 2004. Disponível em: Acesso em: 20 abr. 2017.

NATARELLI, T. R. P.; BRAGA, I. F. ; OLIVEIRA, W. A. ; SILVA, M. A. I. . **O impacto da homofobia na saúde do adolescente**. In: 22º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP, 2014, Ribeirão Preto. Anais do 22º SIICUSP. São Paulo, SP: USP, v.1, 2014.

POCAHY, F. A.; NARDI, H. C.. **Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 45-66, 2007.

REVISTA GALILEU. **Jovens homossexuais têm mais tendência ao suicídio, diz estudo**. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI22680617770,00JOVENS+HOMOSSEXUAIS+TEM+MAIS+TENDENCIA+AO+SUICIDIO+DIZ+ESTUDO.html> >. Acesso em: 15 de nov. de 2017.

SIQUEIRA, M. V. S.; CARRIERI, A. P.; LIMA, H. K. B.; ANDRADE, A. J. A.. **Homofobia: violência moral e constrangimentos no ambiente de trabalho**. In: V ENEO, 2008, Belo Horizonte. Anais do V ENEO 2008. Rio de Janeiro: Anpad. v. 1. p. 1-16, 2008.

SIQUEIRA, M. V. S.; ZAULI-FELLOWS, A.. **Diversidade e Identidade Gay nas Organizações**. GESTÃO.Org. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 4, p. n.3, 2006.

SUNG, JUNG MO. **Prosperidade sim, família homossexual, não! A nova classe média evangélica**. Psicologia USP (Impresso), v. 26, p. 43-51, 2015.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M.. **Pesquisa Qualitativa em Administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, p. 201, 2006.